

# Para FHC, governo Lula erra ao não dar prioridade ao mercado americano

De São Paulo

Em uma crítica indireta à política externa do governo Lula, de buscar novos mercados e estreitar as relações com os países emergentes, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso defendeu ontem que os Estados Unidos são o mercado que mais interessa ao Brasil.

“O mercado que qualitativamente mais interessa é o americano. Não dá para imaginar que podemos substituir esse mercado por outros emergentes”, disse Fernando Henrique. “A China é boa companheira para comprar soja e aço. Mas daqui há pouco vão estar competindo conosco”.

Os comentários foram feitos no seminário “Perspectivas das Relações entre Brasil e EUA”, que aconteceu, ontem, em São Paulo, no Instituto Fernando Henrique Cardoso. Também participou do encontro o novo embaixador dos EUA no Brasil, John Danilovich.

FHC justificou sua posição, afirmando que EUA, América Latina e Canadá são os principais compradores de produtos manufaturados brasileiros. Logo, não é possível substituir esses mercados por China ou pela Índia. “A China produz manufaturas. Tem um problema parecido com o nosso”, disse.

Para o ex-presidente, a melhor relação com os EUA é a de não-agressão. “Atritar globalmente com os EUA é perder”, disse. Em sua opinião, é necessário defender os interesses brasileiros dentro de um marco de confiança. “Quanto menos interesse despertarmos nos Estados Unidos, melhor. Não sou favorável a ter o Brasil no debate”, disse, referindo-se a temas como energia nuclear ou Iraque.

FHC criticou o esforço brasileiro de se tornar membro do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU). Ele acredita que trata-se de uma demanda na-

tural do país, mas que é necessário uma reforma ampla do conselho. “Ou então vamos ficar numa posição incômoda. Precisamos crescer mais para depois aparecer”.

Em um dos raros momentos de convergência entre a política externa da administração anterior e a do governo atual, Fernando Henrique ressaltou que o multilateralismo deve ser uma prioridade para o Brasil, dada a diversidade de destino de suas exportações. “É importante o que aconteceu em Genebra. É preciso ver a negociação de um âmbito amplo, porque isso nos dá margem de manobra”.

Para FHC, o avanço na Rodada Doha terá impacto positivo nas negociações do Acordo de Livre Comércio das Américas (ALCA), já que muito do que ia ser discutido como subsídios, foi transferido para o multilateral. Ele criticou, no entanto, a abordagem da “Alca light”, acertada por Brasil e EUA. “A Alca virou um mecanismo de fazer acordos bilaterais”.

John Danilovich também acredita que as negociações em Genebra devem influenciar de forma positiva à Alca. “Apesar de não haver uma correlação direta, há um impacto positivo na força e no comprometimento dos negociadores”, diz. Em seu discurso, o novo embaixador dos EUA no Brasil afirmou que “apóia entusiasticamente a Alca”. Danilovich foi um dos negociadores diretamente envolvidos no acordo dos EUA com os países da América Central.

Para o embaixador, a relação entre Brasil e EUA é “robusta e forte”. Prova disso seria o contrato fechado pela Embraer como fornecedora do Pentágono. Ele classificou a sobretaxa imposta pelos EUA para as importações brasileiras de camarão como um “problema complicado”. Mas garantiu que o caso ainda se encontra em uma fase preliminar. (RL)

92  
91  
90  
89  
88  
87  
86  
85  
84  
83  
82  
81  
80  
79  
78  
77  
76  
75  
74  
73  
72  
71  
70  
69  
68  
67  
66  
65  
64  
63  
62  
61  
60  
59  
58  
57  
56  
55  
54  
53  
52  
51  
50  
49  
48  
47  
46  
45  
44  
43  
42  
41  
40  
39  
38  
37  
36  
35  
34  
33  
32  
31  
30  
29  
28  
27  
26  
25  
24  
23  
22  
21  
20  
19  
18  
17  
16  
15  
14  
13  
12  
11  
10  
9  
8  
7  
6  
5  
4  
3  
2  
1

VALOR ECONÔMICO

04 AGO 2004